

365 DICAS PARA NÃO DAR

ERROS

RITA
ASSEICEIRO

Autora da página Meia Dúzia de Erros



Como acabar de vez
com as dúvidas sobre
a língua portuguesa,
sem dramas gramaticais
nem dores de cabeça



ÍNDICE

Prefácio	7
Introdução	11
Capítulo 1 Ortografia: quando uma letra faz a diferença	15
Capítulo 2 O poder da pontuação...	47
Capítulo 3 ... e da acentuação!	67
Capítulo 4 Novo Acordo Ortográfico	71
Capítulo 5 Verbos e as suas complexidades	81
Capítulo 6 Quando a matemática e o português se cruzam	131
Capítulo 7 As palavras que enganam	141
Capítulo 8 Juntos, separados ou com hífen?	175
Capítulo 9 Género feminino, masculino ou ambos?	181
Capítulo 10 Os erros do plural	187
Capítulo 11 A diversidade da língua portuguesa	201
Capítulo 12 A influência de outras línguas	215
Capítulo 13 Como melhorar a escrita?	225
Agradecimentos	237
Bibliografia	239

PREFÁCIO

Durante algum tempo, fui um colecionador mais ou menos sistemático deste tipo de livrinhos que nos querem dar a conhecer melhor a língua portuguesa. Olhando para o bloco que formam na estante que tenho à minha frente, conto talvez uma trintena. Reconheço ali a lombada do *Dicionário de Erros e Problemas da Linguagem*, de Rodrigo de Sá Nogueira, que chegou a ser a referência mais antiga desta série, mas à qual depois se viriam juntar títulos de Vasco Botelho de Amaral, Augusto Moreno ou Cândido Figueiredo, por exemplo. Outros há mais recentes, publicados nos últimos trinta, vinte, dez, cinco anos.

Sei que há quem não aprecie especialmente este género, e sei que essa é a posição de alguns linguistas. Alegadamente, serão três os pecados em que incorrem as obras desta índole: concentram a sua atenção sobre a língua apenas nos erros; promovem sentimentos de insegurança em relação à expressão escrita e oral nos leitores; frequentemente assinalam como incorretos casos que o não são. Mas eu não reconheço nesse cenário a minha experiência enquanto leitor, e não é, de facto, essa a minha opinião.

Sempre li estes livros com aquele irreprimível impulso que nos leva a saltar de verbete em verbete para satisfazer o bicho irrequieto da curiosidade. Tenho quase a certeza de que foi graças a um destes livrinhos que, por exemplo, tomei consciência de que o *Zé* não *reaveu* a carteira — O *Zé* *reouve* a carteira (a Rita aborda a morfologia do verbo *reaver* no ponto 137; vá lá espreitar, que eu espero). Ou que, em rigor,

«alcoolemia», com a sílaba tónica no «mi», é a forma do português-padrão, da qual «alcoholémia» é uma variante não preferencial (tópico abordado no ponto 25 deste livro).

Que fazer perante casos como estes? Com algum bom senso, percebe-se que, no primeiro exemplo, mais importante — e mais sensato — do que usar as formas morfollogicamente corretas do verbo *reaver* (eu reouve, tu reouveste, ele reouve...) talvez seja *evitar* usar as formas erradas. Há muitos modos alternativos de exprimir a ideia em causa, e é quase certo que, neste caso, a opção certa do ponto de vista morfológico é, no mínimo, muito arriscada do ponto de vista da eficácia da comunicação.

No segundo caso, eu diria que o contexto tem uma relevância acrescida. Numa situação de natureza mais formal, usaria sem dúvida a forma «alcoolemia», mas não descarto a possibilidade de usar a forma «alcoholémia» em contextos em que essa forma me garanta uma compreensão mais eficaz do que estou a dizer.

É preciso ter em conta — até para que a leitura deste livro da Rita Asseiceiro não tenha aquele alegado efeito paralisante... — dois ou três aspetos sobre a língua portuguesa (ou qualquer outra língua natural). Antes de mais, a fronteira entre a norma (o «correto») e o desvio a essa norma (o «erro») é por vezes muito mais porosa do que se pensa. Muito pouco porosa em certos domínios, como a ortografia (o que está no dicionário é o que está certo); bastante mais porosa noutros, como o da sintaxe, que não tem uma codificação tão fechada como a ortografia, e é sujeita a muito mais variações no uso diário.

Em segundo lugar, nem todas as intervenções ou interações linguísticas se processam no registo da norma-padrão. Reduzir o conhecimento da língua à observância de um conjunto de normas gramaticais rigorosas e inflexíveis não é apenas ignorar a sua vitalidade intrínseca; é talvez como pretender definir o curso em formação de um rio recorrendo a sinais de trânsito. Uma língua contém muitos registos, dos quais a norma-padrão (ou a norma culta) é um — e é, bem entendido, muito útil e proveitoso conhecê-la. Mas seria extremamente artificial e entediante pautar por essa norma tudo o que dizemos, e mesmo tudo o que escrevemos.

Acresce a isto um terceiro aspeto: a língua é um organismo vivo em permanente processo de transformação, e esse processo de transformação

é operado por quem a usa, pela comunidade de falantes, em grande medida à revelia das regras normativas. Por isso, a norma não é eterna — é, na verdade, relativamente precária.

Posto isto, que sentido têm as obras que, como a da Rita Asseiceiro, nos propõem compilações das regras e dos preceitos da norma-padrão mais frequentemente ignorados? Estou absolutamente convicto de que nada do que escrevi até agora lhes retira um grama de importância (já agora, sobre o género da palavra «grama», pode consultar o ponto 284 deste *365 Dicas para Não Dar Erros*). No fundo, estas obras fazem por nós uma viagem àqueles sítios mais esconsos, mais enganadores, mais escorregadios da língua, e apresentam-nos o mapa desses lugares. Em todos os que li — e o da Rita Asseiceiro não é exceção — aprendi algo; em todos, também, me deparei com um ou outro ponto que me suscitou reservas. Creio que a leitura mais produtiva e mais proveitosa destes livros é precisamente aquela que os põe em perspetiva: são obras que assumem o seu grau de coragem e de risco, uma vez que frequentemente propõem o traçado fixo de fronteiras em zonas em que essas fronteiras estão na prática em mutação; são instrumentos extremamente úteis para o aperfeiçoamento do domínio da norma-padrão do português; são sobretudo o ensejo para fincar subtilmente no espírito do leitor o ferrão da curiosidade, que o deixará desperto, atento e certamente com vontade de descobrir mais segredos sobre a língua portuguesa.

Agora a escolha é sua: reserve dois minutos do seu dia para este *365 Dicas para Não Dar Erros* e terá leitura para um ano — ou escolha um dia soalheiro, sente-se numa esplanada e leia-o de enfiada. Porquê soalheiro e não solarengo? A resposta está no ponto 248.

JORGE MARTINS TRINDADE

INTRODUÇÃO

O livro *365 Dicas para Não Dar Erros* surge como uma continuação natural da página de Instagram Meia Dúzia de Erros, um projeto criado em 2020 com o objetivo de ensinar aquilo que muitas vezes fica por explicar nas aulas de língua portuguesa. O que começou como uma simples partilha de dúvidas e curiosidades transformou-se numa comunidade de pessoas interessadas em compreender melhor a nossa língua.

Quem já acompanha a página Meia Dúzia de Erros, certamente, já reparou na expressão «A sabedoria vem com Meia Dúzia de Erros». Essa frase resume, de forma simples, a essência e o propósito deste livro. Aprender implica errar, questionar, reformular e voltar a tentar. É assim que evoluímos, não só enquanto estudantes, mas também como falantes e utilizadores da língua portuguesa.

A aprendizagem não se deve restringir, por isso, aos anos de escola ou de universidade. Terminar um curso não significa terminar o processo de aprendizagem. O segredo está em manter a curiosidade, a vontade de aprender e a capacidade de reconhecer que há sempre algo novo para descobrir. É precisamente desse processo que nasce o verdadeiro conhecimento.

Apesar de a língua portuguesa ser uma das mais difíceis, é também isso que lhe confere tanta riqueza e interesse. Pelo território português, passaram vários povos, como romanos, bárbaros, visigodos e muçulmanos. A língua portuguesa teve origem no latim vulgar, tendo sido

influenciada pelas línguas faladas por todas estas civilizações, sobretudo o árabe. Durante anos, sofreu alterações até chegar aos dias de hoje, com a sua morfologia, léxico, sintaxe e fonética que tão bem conhecemos.

Considerada uma das línguas mais antigas da Europa, a ortografia da língua portuguesa passou por várias alterações e reformas. Com o objetivo de uniformizar a escrita entre os países lusófonos, o primeiro acordo ortográfico data de 1911. No entanto, seguiram-se sucessivas tentativas de estabelecer uma linha orientadora para todos os países. Destacam-se os acordos de 1931, com alterações em Portugal em 1940 e no Brasil em 1943. Uma nova reforma ortográfica foi assinada em 1945, mas ainda sem consenso. O último é o conhecido novo acordo ortográfico, com data de 1990, e implementação já no século XXI.

Este livro tem o objetivo de mostrar que aprender português não tem de ser um processo complexo, rígido e cansativo. Por isso, foi pensado exatamente com esse propósito: mostrar que a língua portuguesa pode ser aprendida de forma leve, acessível e prática. Nestas páginas, vai encontrar explicações claras, erros frequentes, sugestões úteis e curiosidades que o ajudarão a escrever e a falar com mais confiança. Aprender a língua portuguesa não é um desafio inatingível. É um processo contínuo, que nos desafia diariamente.

Na rubrica «Encontra o Erro», no Meia Dúzia de Erros, recebo muitos contributos de seguidores, com erros que aparecem frequentemente em cartazes de rua, em programas de entretenimento e noticiários na televisão e em ementas de restaurante. Na escrita, vemos palavras ou frases mal escritas, como: «bem vindo», «tive que ganhar» ou «há hora marcada». Umas mais óbvias do que outras, mas os meus seguidores estão cada vez mais atentos, tornando-se uma inspiração para a escrita deste livro.

365 Dicas para Não Dar Erros

O objetivo é que em cada dia do ano aprenda uma dica nova e, no final destes 365 dias, tenha muito menos dúvidas. Dividido em 13 capítulos, cada um dedicado a diferentes áreas da língua portuguesa, começando pelas mais frequentes dúvidas de ortografia.

Vai poder também descobrir o mundo da pontuação, porque uma vírgula nunca é apenas uma vírgula. Os sinais de pontuação podem alterar o sentido de uma frase. E não podemos esquecer o universo da acentuação: acento agudo ou grave? Quando se usa cada um?

Mergulhe ainda num dos temas mais debatidos das últimas décadas: o novo acordo ortográfico. Apesar de ter sido aprovado em 1990, continua a criar discórdia entre os que têm saudades de escrever «acção» e os que não sentem falta do «c». Independentemente das opiniões, conhecer as suas regras é essencial para escrever corretamente.

No capítulo «Verbos e as suas complexidades», aprenda sobre algumas dúvidas frequentes da língua portuguesa: será «ter de» ou «ter que»? «Utilizasse» ou «utiliza-se»? Além de esclarecer estas questões, explore temas como a regência verbal e a utilização correta de vários verbos.

Mas a língua portuguesa não vive apenas de letras. Quando a matemática e o português se encontram, surgem também muitas dúvidas e incorreções. Lembro-me de me perguntarem qual é a diferença entre percentagem e pontos percentuais. Ou até mesmo se é correto escrever 1º ou 1.º, para a numeração ordinal. É precisamente isso que vai descobrir no capítulo «Quando a matemática e o português se cruzam».

A língua portuguesa é viva e mutável. É o uso da língua que a transforma e lhe dá riqueza e carácter. Se antes ouvir «bué» chocava, hoje já está no dicionário. Se há palavras que não se compreendem em Lisboa, no Porto, fazem parte do léxico das pessoas. Juntos, vamos descobrir alguns regionalismos que caracterizam cada região de Portugal, como sapatilhas e ténis ou fino e imperial, bem como a influência do latim, do inglês e do português do Brasil, com palavras como *statu quo* e *bugar*.

Como tudo começou

Mas como surgiu esta ligação à língua portuguesa e a vontade de escrever este livro? Tudo começou na faculdade. Depois de anos a sonhar em ser jornalista, entrei na Escola Superior de Comunicação Social, em Lisboa. Logo na primeira semana de aulas, tive uma cadeira que marcou profundamente o meu percurso: Língua e Expressão do Português. De imediato, perguntei-me: como podia conhecer tão pouco sobre as regras da minha própria língua materna?

Essas dúvidas despertaram em mim uma curiosidade que nunca mais desapareceu. Comecei a aprofundar os meus conhecimentos, tornei-me revisora de texto na revista da faculdade e, mais tarde, diretora de revisão linguística. Quando terminei o curso, percebi que esta paixão não ficaria para trás. Aos poucos, ganhou um novo propósito: ensinar e partilhar conhecimento sobre língua portuguesa.

Foi assim que surgiu o Meia Dúzia de Erros. Desde então, tive a oportunidade de rever dissertações de mestrado, teses de doutoramento, relatórios de estágio e vários livros nas mais diversas áreas. Mas, mais do que corrigir erros, este percurso permitiu-me perceber que as dúvidas sobre português são transversais a todas as idades, profissões e níveis de ensino.

Espero, por isso, que este livro seja uma ferramenta útil para todos aqueles que desejam melhorar o conhecimento da língua portuguesa, desde estudantes, profissionais, curiosos até aos amantes das palavras. Um livro simples, prático e pensado para mostrar que aprender português pode ser um processo estimulante.

E lembre-se: a sabedoria vem com... Meia Dúzia de Erros.

CAPÍTULO 1

ORTOGRAFIA: QUANDO UMA LETRA FAZ A DIFERENÇA

TRILOGIA OU TRIOLOGIA?

Quem não gosta de uma boa trilogia? Ou será triologia?

A forma correta é «trilogia», referindo-se a um conjunto de três obras relacionadas entre si por um tema comum, sejam científicas, sejam literárias. No entanto, a dúvida parece surgir por «trio» se referir a um conjunto de três pessoas, seres ou objetos da mesma natureza.

Por isso, para escrever corretamente esta palavra, devemos afastar-nos desta ligação à palavra «trio» e pensar na origem de «trilogia»: a palavra grega *trilogía*.

- ☐ Finalmente, consegui comprar a minha **triologia** favorita.
- ☒ Finalmente, consegui comprar a minha **trilogia** favorita.

2

ENSINO A DISTÂNCIA OU ENSINO À DISTÂNCIA?

Com a pandemia, o teletrabalho e o ensino em casa foram uma realidade em todo o mundo. Foi então que surgiu a necessidade de nos referirmos a este termo.

De acordo com os documentos oficiais da Direção-Geral da Educação do Ministério da Educação, Ciência e Inovação, o correto é «ensino a distância», descrevendo uma modalidade educativa e formativa alternativa ao ensino presencial, assente na utilização de tecnologias.

A expressão «à distância» apenas deve ser utilizada quando se conhece especificamente a distância.

- ☐ O **ensino à distância** apresenta vantagens e desvantagens.
- ☒ O **ensino a distância** apresenta vantagens e desvantagens.
- ☒ O hotel está **à distância** de 500 metros do centro da cidade.

Ainda assim, continua a haver argumentos a favor de «ensino à distância», defendendo que se subentende um complemento (à distância dos alunos).

3

PERPASSAR OU PREPASSAR?

Por vezes, pode haver confusão em palavras com o início «per» e «pre».

Para designar «passar perto», «movimento suave e contínuo», «passar do tempo», o verbo correto é *perpassar*. Não devemos dizer «prepassar» nem «perspassar».

- ☐ Os dias **prepassam** sem darmos conta.
- ☒ Os dias **perpassam** sem darmos conta.

TORÁXICO OU TORÁCICO?

Embora «tórax» se escreva com a letra «x», o adjetivo não acompanha esta escrita. Assim, a forma correta é «torácico», com a letra «c», e refere-se à cavidade corporal entre o pescoço e o diafragma, onde está o tórax.

- ☐ O Miguel fez um exame à região **torácica**.
- ☒ O Miguel fez um exame à região **torácica**.

BENEFICIENTE OU BENEFICENTE?

Qual das duas opções está correta? Apesar de não ser uma palavra muito comum, é importante saber como a devemos pronunciar, já que, na maioria das vezes, dizemos incorretamente «beneficiente». A dúvida pode surgir da aproximação à palavra «benefício» e, por hábito, acrescentamos a letra «i» em «beneficência».

Esta palavra significa, de acordo com os dicionários, «que beneficia, que faz bem, benéfico».

- ☐ O dinheiro angariado neste evento vai para uma instituição **beneficiente**.
- ☒ O dinheiro angariado neste evento vai para uma instituição **beneficente**.

SUBSTIMAR OU SUBESTIMAR?

Temos muita tendência para omitir letras, mas não nos podemos esquecer de que elas estão lá e devem ser lidas (e escritas). Esta palavra é um excelente exemplo disso mesmo.

«Estimar» significa calcular, dar valor ou avaliar. Adicionando o prefixo «sub», a palavra significa o oposto: não dar o devido valor, calcular por baixo.

No entanto, não é por acrescentarmos um prefixo que devemos omitir uma letra («substimar»). Por isso, a forma correta é «subestimar».

☐ Não devias **substimar** o teu valor.

☒ Não devias **subestimar** o teu valor.

7

CAMIONETE OU CAMIONETA?

Qual será a opção correta? «Camionete» é a tradução literal da palavra francesa *camionnette*. No entanto, «camioneta» é o aportuguesamento direto desta palavra, sendo, por isso, o mais correto.

☐ O Frederico apanhou uma **camionete** para o trabalho.

☒ O Frederico apanhou uma **camioneta** para o trabalho.

8

DE MODO QUE OU DE MODO A QUE?

De acordo com o *Novo Prontuário Ortográfico*, a locução subordinativa consecutiva é «de modo que», enquanto sinónimo de «de forma que», «de sorte que» e «de maneira que».

Na oralidade, recorremos muito à expressão «de modo a que». No entanto, esta locução não é aconselhada por se tratar de um cruzamento entre o galicismo, isto é, uma expressão portuguesa de origem francesa, «de modo a» (adaptado de *manière à*) e a locução portuguesa «de modo que».

☐ A Joana adoeceu, **de modo a que** teve de ficar em casa.

☒ A Joana adoeceu, **de modo que** teve de ficar em casa.

DE FORMA A QUE OU DE FORMA QUE?

O *Novo Prontuário Ortográfico* regista apenas a locução subordinativa «de forma que». Mas porquê? A verdade é que não se deve usar a preposição «a» nas locuções «de modo que», «de maneira que» e «de forma que».

Assim sendo, «de forma a que» está incorreto.

- ☐ O médico esclareceu os sintomas, **de forma a que** a doente ficasse esclarecida.
- ☒ O médico esclareceu os sintomas, **de forma que** a doente ficasse esclarecida.

BREGUILHA OU BRAGUILHA?

Como é que designa a abertura frontal das calças? Em jeito de curiosidade, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* conta-nos que, de 1450 a 1516, a palavra era «barguilha» e, no século XVII, utilizou-se «breguilha». Atualmente, a forma correta é «braguilha», com a letra «a».

- ☐ A **breguilha** das calças está estragada.
- ☒ A **braguilha** das calças está estragada.

ESPARREGATA OU ESPARGATA

Muitas vezes, ouvimos dizer «esparregata» para descrever o exercício de flexibilidade, em que as pernas ficam esticadas para formar um ângulo de 180° no chão. No entanto, esta palavra é escrita e dita incorretamente. De origem italiana, a forma correta é «espargata».

- ☐ A ginasta fez uma **esparregata** que lhe valeu o primeiro lugar na competição.
- ☒ A ginasta fez uma **espargata** que lhe valeu o primeiro lugar na competição.

12

SECALHAR OU SE CALHAR?

Com o objetivo de indicar possibilidade, incerteza ou dúvida, a forma correta é «se calhar», escrito separadamente. É também sinónimo de «talvez» ou «provavelmente».

- ☐ **Secalhar**, o Fernando não vem.
- ☒ **Se calhar**, o Fernando não vem.

13

TAL QUAL OU TAL E QUAL?

Antes de passarmos para este erro, vamos fazer um exercício. Como pronuncia a seguinte expressão: «tal como» ou «tal e como»? Com toda a certeza, respondeu «tal como», certo?

Por isso, recorrendo à mesma lógica, o mais correto é dizer «tal qual», com significado de «exatamente igual» e «da mesma maneira». Apesar de alguns linguistas e escritores optarem por «tal e qual», é apenas considerada uma expressão coloquial, sendo preferível a primeira opção.

- ☐ O filho é **tal e qual** o pai.
- ☒ O filho é **tal qual** o pai.

MONITORIZAÇÃO OU MONOTORIZAÇÃO?

Do verbo *monitorizar*, a forma correta é «monitorização», com a letra «i», e refere-se ao ato de supervisionar, vigiar e controlar continuamente o comportamento ou função de algo.

- ✗ A **monotorização** destes dados termina em setembro.
- ✓ A **monitorização** destes dados termina em setembro.

COM CERTEZA OU CONCERTEZA?

«Com certeza» é uma locução adverbial de afirmação composta pela preposição «com» e pelo substantivo «certeza». Assim sendo, a forma correta é «com certeza», que significa sem dúvida, certamente, decerto.

Para não restarem dúvidas, a preposição «com» pode ser substituída pela preposição «de» ou «sem», verificando-se as seguintes expressões: «de certeza» e «sem certeza». Em nenhuma destas formas, é possível escrever tudo junto.

- ✗ O João já está atrasado, mas, **concerteza**, está quase a chegar.
- ✓ O João já está atrasado, mas, **com certeza**, está quase a chegar.

COMECEI OU COMEÇEI?

Nunca é de mais relembrar algumas regras. De acordo com a ortografia da língua portuguesa, a letra «c» com cedilha («ç») apenas deve ser utilizada com as vogais «a», «o» e «u», para ter leitura de «ss». Quando estamos perante as vogais «e» e «i», não se deve recorrer ao «ç».

Assim sendo, a forma correta é «comecei». Por outro lado, as palavras «começam», «começou» e «açúcar» necessitam da letra «c» com cedilha.

⊗ **Começei** hoje um novo trabalho.

✓ **Comecei** hoje um novo trabalho.

17

PRECARIDADE OU PRECARIEDADE?

Para nos referirmos à qualidade do que é precário, inseguro, instável e incerto, devemos utilizar a palavra «precariedade», com a letra «i», que pertence à família do adjetivo «precário». O mesmo acontece em palavras como «solidariedade», «obrigatoriedade» ou «notoriedade».

⊗ A **precaridade** do trabalho é uma realidade para muitas pessoas.

✓ A **precariedade** do trabalho é uma realidade para muitas pessoas.

18

COMPLEMENTARIDADE OU COMPLEMENTARIEDADE?

Ao contrário do que acontece com «precariedade», esta palavra é uma junção de «complementar» e «-idade», não tendo, por isso, a letra «e» a seguir à letra «i».

Assim sendo, para descrever a característica, condição ou qualidade do que é complementar, a forma correta é «complementaridade».

⊗ A **complementariedade** das competências técnicas e das competências comportamentais é fundamental para um bom colaborador.

- ✓ A **complementaridade** das competências técnicas e das competências comportamentais é fundamental para um bom colaborador.

ENTRE 2010 E 2020 OU ENTRE 2010 A 2020?

A palavra «entre» deve ser sempre acompanhada da preposição «e». Esta dúvida acontece por existir também a expressão «de algo a algo», ou seja «de Lisboa ao Porto» ou «de 2010 a 2020», misturando-se.

Por isso, para não confundir, a forma correta é «entre 2010 e 2020» e «de 2010 a 2020».

- ✗ O Francisco mudou de casa cinco vezes **entre 2010 a 2020**.
- ✗ **Entre Lisboa ao Porto**, há muitas estações de serviços.
- ✓ O Francisco mudou de casa cinco vezes **entre 2010 e 2020**.
- ✓ **Entre Lisboa e Porto**, há muitas estações de serviço.

A PARTIR OU APARTIR?

A locução «a partir» indica um ponto de partida temporal ou físico, início ou origem. Se surgir junto, estamos na presença de um erro. Deve ser escrita com a preposição «a» e o verbo *partir* separados. Assim sendo, a forma correta é «a partir».

- ✗ **Apartir** de amanhã, vou viajar e só regresso daqui a três meses.

- ✓ **A partir** de amanhã, vou viajar e só regresso daqui a três meses.

21

CONNOSCO OU CONOSCO?

De acordo com as regras da ortografia oficial de português de Portugal, a forma correta é «connosco», duplicando a grafia da letra «n» para manter a nasalidade da vogal anterior. A dúvida pode surgir porque, no Brasil, escreve-se «conosco», com apenas uma letra «n».

Ainda assim, devemos respeitar as regras do português de Portugal.

- ✗ Eles vieram **conosco** ao lançamento do livro.
- ✓ Eles vieram **connosco** ao lançamento do livro.

22

ÚLTIMA HORA OU ÚLTIMA DA HORA?

Cada vez mais, ouvimos esta expressão ser dita na televisão para anunciar uma notícia ou acontecimento importante e recente. Nesses casos, dizemos «notícia de última hora», por exemplo.

Por outro lado, também podemos utilizá-la com a contração da preposição «a» com o artigo definido feminino «a» ($a + a = à$). E é aqui que surge o erro. Por isso, para expressar «no último momento», a forma correta é «à última hora».

- ✗ Chegaste mesmo à **última da hora**.
- ✓ Chegaste mesmo à **última hora**.

O GUIA FUNDAMENTAL PARA ACABAR
COM OS ERROS DE PORTUGUÊS
E AUMENTAR O SEU VOCABULÁRIO.

EM 365 DICAS PRÁTICAS, VAI DESCOBRIR
OS LUGARES CERTOS DAS VÍRGULAS,
A INCLINAÇÃO CORRETA DOS ACENTOS
E DRIBLAR TODAS AS RASTEIRAS
DOS VERBOS.

Sabe onde usar uma vírgula sem mudar o sentido de uma frase? Quantas vezes já ficou indeciso entre «ter aceite» ou «ter aceitado»? E será que se escreve «cocktail» ou «coquetel»? A língua portuguesa, uma das mais antigas da Europa, tem várias armadilhas, mas dominá-la pode ser muito mais simples do que imagina.

Neste manual prático e acessível, encontrará 365 dicas essenciais, uma para cada dia do ano. Ao longo de 13 capítulos, vai descobrir as respostas para os erros mais frequentes sobre ortografia, acentuação, pontuação, verbos, estrangeirismos, pronúncia e muito mais.

Ideal para estudantes, professores, profissionais de comunicação, curiosos da língua e todos aqueles que queiram escrever melhor e falar com mais confiança. Sem medo de errar, porque, como diz a autora, «a sabedoria vem com **Meia Dúzia de Erros**».

«Reserve dois minutos do seu dia para este *365 Dicas para Não Dar Erros* e terá leitura para um ano — ou escolha um dia soalheiro, sente-se numa esplanada e leia-o de enfiada. Porquê soalheiro e não solarengo?»

JORGE MARTINS TRINDADE,
PROFESSOR DA ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-596-149-8



9 789895 961498